

A indagação individual como questionamento filosófico pertinente^a

Individual inquiry as a pertinent philosophical putting in question

Rosângela Huang*

351

Relato de Experiência • Report of Experience
O Mundo da Saúde, São Paulo · 2012;36(2):351-359

Resumo

A primeira parte deste artigo traz trechos da entrevista realizada com D., nascido na Argentina em 1957, filho de pai polonês e mãe húngara. Seus pais fugiram da perseguição nazista feita aos judeus na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Na Argentina, essa perseguição os obrigou a fugir novamente, dessa vez para Israel. Em 1960, chegaram ao Brasil. A segunda parte deste artigo analisa como o processo de busca de liberdade dessa família produziu profundos cortes e perdas em D., que foi construindo um olhar único sobre o mundo e sobre si mesmo. D. foi escolhido para esta entrevista pela força com que disse “não” a tantas condições frente às quais a maioria de nós é levada a dizer “sim”. D. é um livre pensador, espiritualista e músico, autodidata que se inflama ao dizer: “A vida me foi dada, mas a morte escolho eu”. O objetivo deste artigo foi mostrar a importância de permitir que o outro fale e seja escutado. Dar a voz ao outro é um tipo de acolhimento, é uma meditação na qual se resgata sentidos, na qual a história sobrevive e que ameniza a dor dos sofrimentos pela aceitação e pelo entendimento da transformação possível, aquela que cabe a cada um de nós realizarmos frente ao inusitado, ao indesejado. O texto apresentado a seguir é um desses momentos de escuta que a entrevista permite e faz parte de um trabalho apresentado na graduação de Psicologia do Centro Universitário São Camilo em outubro de 2011.

Palavras-chave: Filosofia. Acolhimento. Entrevista Psicológica.

Abstract

The first part of this article brings segments of an interview given by D., born in Argentina in 1957, the son of Polish father and a Hungarian mother. His parents had run away from Nazi persecution to Jews in Europe during World War II. In Argentina, persecution compelled them to run away again, this time to Israel. In 1960 they arrived to Brazil. The second part of the article analyzes how freedom searching by this family produced deep sufferings and losses to D., which began to construct a unique perspective on the world and himself. D. was chosen for this interview due to the force with he said “no” to so many situations where most of us are compelled to say “yes”. D. is a free thinker, a spiritualist and musician, a self-taught person who says with boldness: “Life was given me, but death is my choice.” The aim of this article is to show the importance of allowing others to speak and be listened. To give voice to others is a type of acceptance, a meditation in which one rescues senses, in which history survives and alleviates pain of sufferings through acceptance and understanding of possible transformation, the one that is up to everyone before the unusual, to undesired. The paper register one of those moments of listening which an interview allows to happen and is part of a work presented in the undergraduate course in Psychology of Centro Universitário São Camilo in October 2011.

Keywords: Philosophy. User Embracement. Interview, Psychological.

a. Este trabalho utiliza partes da entrevista (ainda não publicada) feita com Daniel Marczyk, em outubro de 2011. Todas as falas retiradas estarão, portanto, neste texto, grafadas em itálico, mas prescindindo das referências completas de sua publicação.

* Bacharel em Ciências Sociais pela PUCSP. Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo. Diretora do Instituto Bhávana Rhya.

INTRODUÇÃO

A primeira parte deste artigo traz trechos da entrevista realizada com Daniel Marczyk, nascido na Argentina em 1957, filho de pai polonês e mãe húngara. Seus pais fugiram da perseguição nazista feita aos judeus na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Na Argentina, essa perseguição os obrigou a fugir novamente, dessa vez para Israel. Em 1960, chegaram ao Brasil.

A segunda parte deste artigo analisa como o processo de busca de liberdade dessa família produziu profundos cortes e perdas em Daniel, que foi construindo um olhar único sobre o mundo e sobre si mesmo. Daniel foi escolhido para esta entrevista pela força com que disse “não” a tantas condições frente às quais a maioria de nós é levada a dizer “sim”. Daniel é um livre pensador, espiritualista e músico, autodidata que se inflama ao dizer: “A vida me foi dada, mas a morte escolho eu”.

O objetivo deste artigo foi mostrar a importância de permitir que o outro fale e seja ouvido. Dar a voz ao outro é um tipo de acolhimento, é uma meditação na qual se resgata sentidos, na qual a história sobrevive e que ameniza a dor dos sofrimentos pela aceitação e pelo entendimento da transformação possível, aquela que cabe a cada um de nós realizarmos frente ao inusitado, ao indesejado. O texto apresentado a seguir é um desses momentos de escuta que a entrevista permite e faz parte de um trabalho apresentado na graduação de Psicologia do Centro Universitário São Camilo em Outubro de 2011.

TRECHOS DA ENTREVISTA COM DANIEL MARCZYK (D)

D- *Meu pai nasceu na Polônia, enfrentou a Segunda Guerra e perdeu a família em Auschwitz, se revoltou com os poloneses judeus que tiveram a parte de colaboracionismo com o nazismo e ele fugiu e foi morar na Argentina. Minha mãe é húngara, e também enfrentou a Segunda Guerra, perdeu vários parentes e também fugiu, foi para a Argentina, e lá os dois se encontraram, casaram, e eu nasci em Buenos Aires.*

R- Eram os seus avós que mantinham a religião?

D- *Meu avô era quase um rabino, foi ele que*

me deu toda a vontade de seguir esse caminho, quando eu era criança. Olhando para ele eu sabia que eu queria ser que nem ele. A relação com o meu pai nunca houve de verdade, então o meu avô era a pessoa masculina que me dava sensação de querer ser alguma coisa, a parte masculina da família, ser o homem da existência.

R- Alguma vez a sua mãe comentou com você como foi sair da Hungria?

D- *Ela conta que quando os alemães chegaram em Budapeste, os alemães chegaram dentro de casa gritando, perguntando, quebrando tudo. Os meus avós desceram no porão junto com a minha mãe, e o meu avô, num sentimento masculino de arrebatamento, queria sair e brigar com os alemães que carregavam fuzis; a minha avó deu uma panelada na cabeça dele, alguma coisa, ele chegou quase a desmaiar, e isso salvou a vida deles. Se ele tivesse reagido com a voz dele ou aparecido, eles teriam matado eles, inclusive a minha mãe, ou teriam levado para um campo, e essa cena foi a que mais me marcou, que a minha mãe contava desse dia. No dia seguinte eles já fugiram.*

R- E o que seu pai fazia em Buenos Aires?

D- *O meu pai chegou a ser o primeiro spalla do teatro Colon, tocava violino muito bem, era o primeiro violinista; eu tinha até uma foto que eu não tenho mais, ele era um grande músico, uma pessoa muito sensível, muito romântica, que a partir disso, do que aconteceu com a família dele, ele foi perdendo, e chegou a falecer no Brasil de uma maneira, assim, bem descrente de tudo.*

R- O seu pai teve um outro casamento, antes da sua mãe, isso foi na Argentina?

D- *Foi, ele casou antes, teve um filho, separou, ele não queria separar, acabou separando, com problemas com a esposa, e isso marcou a vida dele, ele queria recuperar aquele filho sempre, que é o meu meio irmão na Argentina.*

R- Seu pai se separou, conheceu a sua mãe, e eles se casaram na Argentina, e como foi a situação da família na Argentina? Por que vocês não ficaram lá, o que aconteceu?

D- *Foi catastrófica porque na época que a gente tava lá, o Perón, que era o presidente do país, era declaradamente nazista, e os nazistas vinham para o Brasil, para o Uruguai e para a Argentina, e na Argentina eles atuavam de uma*

maneira prática. O meu pai era uma pessoa muito rica na Argentina, tecelão, tinha uma tecelagem gigante em Buenos Aires, e eles chegaram a jogar três bombas caseiras, e aquilo causou um desespero na família muito grande, fora o susto, eu chegava a ir na escola com polícia, pra proteção aos judeus, e aquilo enlouqueceu a minha mãe, e enlouqueceu o meu pai, porque parecia que tudo ia acontecer de novo. Aí, como já tinha o Estado de Israel, a opção deles era que lá em Israel a gente não passaria por isso, poderia até passar por guerra, por perseguição, mas seria protegido por um Estado e por um exército, coisa que na Argentina tava arriscando morrer mesmo, por causa dos nazistas que estavam lá e sabiam que os judeus também estavam lá.

R- Você ficou no rabinato? Você estudou para ser rabino por quanto tempo?

D- Dois anos.

R- Você teria que ficar quanto tempo pra se formar?

D- Cinco anos. Eu já tava com uma bolsa pronta pra Nova Iorque, de tão bom que eu era pra estudar religião. Vocês devem estar se perguntando: o que é ser bom para estudar religião? É realmente querer acreditar que a vida tem um sentido, dentro daquela questão bíblica que o Velho Testamento apresentava para o ser humano. E eu já desconfiava, brigava com muita gente lá dentro, tinha outras posições. Só que isso no judaísmo é muito bom, ser polêmico no judaísmo, saber conduzir uma polêmica é muito bom mesmo, dá muitas condições de ser um rabino de verdade, a partir do momento que você não fuja daquelas leis. Mas como ninguém tinha ideia de que eu ia fugir, eu parecia que ia ser um grande debatedor, e era e sou mesmo.

R- Mas o que aconteceu?

D- Aconteceu, dentro destas dúvidas, em julho, época de férias, o rabino falou que quando voltasse das férias eu ia para os EUA, que lá eu ia concluir os meus estudos e ia casar também, tava tudo mais ou menos arranjado. E quando eu voltasse para São Paulo, se eu passasse por uma igreja eu teria que cuspir no chão, que os cristãos tinham feito muito mal para os judeus na Inquisição, enfim, perseguição, e eu não entendi aquilo, era um momento dele, com a vida dele, com o

que ele viveu na Segunda Guerra misturado com um monte de outras coisas. Eu vi aquilo, achei agressivo, achei uma coisa inclusive antirreligiosa, mas era um rabino falando, eu falei: bem, não necessariamente eu vou fazer isso. E fui para São Paulo e perto da minha casa realmente tinha uma igreja que eu nunca tinha dado atenção; foi aí que eu aprendi o grande segredo da existência, ouvir sempre o que as pessoas falam independente de ser bom ou ruim para você; aí eu lembrei do que o rabino falou, aquilo mexeu comigo, eu não cuspi e subi, e quando eu subi...

R- Mas aí você entrou e...?

D- Entrei, fiquei curioso com o que eu vi lá, e como eu não percebia na minha ignorância espiritual que eu estava vestido como judeu, e o padre percebeu aquilo e veio conversar comigo achando que não era normal um judeu entrar numa igreja, e não é mesmo. E ele me abordou e me perguntou o que eu tava fazendo lá, eu também não quis falar.

R- Você usava peiot^b e tudo?

D- Usava tudo, eu era um judeu perfeito. E aquilo pro padre foi um choque também. Eu perguntei: "o que é aqui?", e ele foi me explicando barbaridades, uma delas, que eu não sabia que Jesus era judeu, que já tinham lançado um Novo Testamento. Aí ele me deu para ler. Eu peguei o livro, fui para casa e comecei a ler, aí encontrei todas as contradições que eu queria resolver no seminário, que era a questão da forma, a lei e a graça e o júbilo de um judeu chamado Jesus Cristo. Aquilo me fascinou, então eu sentia outras coisas totalmente diferentes.

R- E aí você não voltou para o seminário?

D- Nunca mais. Eu amaldiçoei tudo o que eu vivi lá, e percebi que o caminho era um caminho jubiloso de graça, como falava a Bíblia, o encontro com esse Deus, é um encontro particular, não um encontro religioso de uma comunidade que precisava sobreviver a qualquer custo; eu respeito isso até hoje, tenho minhas divergências brutais, mas eu tive um encontro com Deus que já não era aquele encontro com o Deus bíblico. Era um homem sendo massageado por Deus de uma maneira real, aquilo me marcou.

R- Um homem sendo massageado por Deus?

D- Massageado por Deus, tocado por Deus.

b. Cachos laterais utilizados pelos judeus religiosos.

R- Mas isso em que situação?

D- *O Cristo! O Cristo vivia coisas que eu não via o rabino viver, até porque a época é diferente, mas os rabinos eram mentalistas, eles falavam da Bíblia e de Deus como se eles tivessem conhecido esse Deus, e a gente via que não era bem isso, era um trato político religioso. Mas não era nada disso que eu queria falar.*

R- Mas por quê? Se você quer falar de um outro jeito, você deveria estar falando de um outro jeito!

D- *Não tenho outro jeito de falar. Todo trabalho de escola é pra escola. Eu não falo pra escola, eu não falo para um grupo de psicologia, eu falo para o mundo. Eu não falo pra rabinos, eu não falo pra padres, eu, sendo filósofo, eu não falo pra filósofos. O que eu tinha pra falar era uma outra coisa. Na realidade eu nunca nasci, eu fui sacaneado pelos meus pais. Essa é a compreensão que eu tenho hoje. Meus pais são os verdadeiros agentes da transformação da vida de uma pessoa. Não é mais o Deus que eu estudava, e não é a questão se a gente veio de uma criação ou do big-bang. A criação são dois seres humanos, o pai e a mãe, um ser masculino e feminino, eles são aparentemente os culpados de qualquer existência. Hoje percebendo isso filosoficamente eu sei que eu vivi um transtorno terrivelmente complicado e consegui sair graças à filosofia. Então, pra mim, algo passado não é algo coloquial, é muito pesado porque tem uma função de loucura real de ter sido procriado, por isso eu tomei a decisão radical de não procriar. Eu precisei me encontrar, me conhecer, pra poder entender o que fizeram comigo. Quem fez isso comigo, foi o meu pai e a minha mãe, não foi Deus, nem o big-bang. Esse é um assunto filosófico teológico. Eu como homem, e não pai, eu brequei isso na instância real que isso acontece, ou seja, eu comecei a refletir de verdade. Sem a Bíblia, sem o cristianismo, eu comecei a refletir como o Cristo fez com o judaísmo, como o Buda fez com o hinduísmo, comigo mesmo. Então, esse meu passado, é difícil falar sobre ele, porque não é um passado meu. Eu era um fantoche de uma existência que meus pais me obrigaram a viver, na realidade... Eu quero dizer assim: falar do passado, essa função do social, nunca me afetou. O que me afetou era o que eu sempre fui. Um ser que queria encontrar*

qualquer tipo de verdade. Eu tive que abdicar da minha religião, com isso abdiquei de tudo, a minha profissão, minha sanidade mental.

R- E como era a questão de trabalho, sobrevivência nessa época?

D- *Para mim não existia, eu nunca me preocupei com isso, por isso eu saí do seminário e fui viver com a minha mãe na pobreza extrema, a ponto de minha mãe me internar num colégio que fica preso lá o dia inteiro, como é que chama? Eu ficava lá e tinha comida, essas coisas.*

R- Era uma escola judaica, não era? Era uma, um tipo de orfanato?

D- *É um orfanato judaico, aqui em Santo Amaro.*

R- Você ficou lá quanto tempo? Você ficou lá um pouco e saiu.

D- *Fiquei seis meses, e fugi.*

R- Mas e aí o que foi acontecendo, você continuou morando com a sua mãe?

D- *Continuei morando com a minha mãe, conflitos terríveis porque a chance de voltar para o judaísmo era constante, era diária. Eu sempre fui reconhecido como uma pessoa que daria certo fazendo isso. Então os rabinos insistiam, iam em casa, tentavam me converter de novo, pra minha própria religião, mas eu nunca mais quis. E depois que eu perdi o cristianismo, eu comecei a entender que existia uma coisa chamada filosofia. Comecei a frequentar bibliotecas, fui pegando livros, e nessa questão toda eu fui descobrindo filósofos, que a partir daí sim, mudaram minha vida radicalmente. E isso, filósofos como Schopenhauer, Nietzsche, Sartre, e foi aí também que eu já estudava, eu fazia o colegial no Caetano de Campos, que eu tinha que fazer o colegial, todo mundo falava pra mim que eu tinha que fazer, eu fiz. Só que eu estava lendo filosofia direto e as matérias no colegial realmente eu tinha repulsão, matemática, física e química, eu não entendia porque que um ser humano que tem um conflito que nem eu, tinha que resolver equações de geometria, e de matemática, e deixar o que eu estava sentindo pra lá. Só que eu não sabia que o mundo era o contrário do que eu estava fazendo. Que o mundo era uma questão social de emprego, de trabalho, de sobrevivência. O que eu tava fazendo era muito pouco importante para a maioria das pessoas. Isso eu sinto até hoje. Só que hoje eu to protegido no que eu fiz*

com a minha vida. Eu não preciso convencer mais ninguém, as pessoas têm que me convencer a ter filhos, a acreditar em Deus, a trabalhar, a não me suicidar, as pessoas têm que fazer esse trabalho comigo, não eu. Eu não faço mais isso, eu não procuro mais, eu já achei.

R- Nessa busca filosófica, você já não tava em escola nenhuma.

D- Eu abandonei o colegial para poder estudar de verdade os filósofos. Eu queria ler sobre vida, morte, sexo, Deus.

R- O que você lia nessa época?

D- Um dos livros que mexeu muito comigo foi "O mundo como representação e vontade" de Schopenhauer, que ele falava, eu nunca esqueço, que quando um homem e uma mulher chegam um para o outro e dizem: eu te amo, eu te quero, sem você eu não vivo, era um feto que tava sendo criado para reproduzir a raça humana. Aí eu me senti perseguido, percebi que o mundo tinha algo oculto que não era religioso, mas que era uma vontade que fazia as pessoas se apaixonarem pra usarem o sexo, a coisa mais linda que existe no mundo, pra procriar a raça humana. Raça humana essa que as próprias pessoas que procriam, inclusive os meus pais, não sabem do que se trata. E não era o meu caso.

R- Você estava com quantos anos mais ou menos?

D- Acho que era uns dezoito já, não me lembro direito.

R- Você não teve envolvimento com nenhuma outra religião?

D- Não depois eu comecei a me envolver com o Oriente.

R- Por que começou esse interesse?

D- Porque eu sou músico, toco piano há uns quinze anos, tenho oito CDs gravados, sou autodidata também, tenho um orgulho muito grande de chegar na música de uma maneira sentimental, espiritual, não didática só, e a música sempre fez parte da minha vida, então eu vivia sentimentos, na realidade eu não queria conhecer nada, porque é impossível conhecer alguma coisa.

R- Como assim é impossível?

D- O objeto em si, seja ele qual for, não existe conhecimento sobre ele. Para você conhecer alguma coisa que está fora de você, você tem que ser aquela coisa, se você não é, você nunca

vai conhecer. E eu descobri isso, e por isso eu fui para a música. Por isso eu fui pra arte. A música era o que eu fazia, não era o que o Chopin fez, nem o que Liszt fez, era o que saía de mim. Essa confusão saía de mim.

R- E essa confusão te liga com o Oriente de que jeito?

D- Com o Oriente, foi que um dia eu escutei uma cítara. Era um filme, aquilo me chamou a atenção, um filme do Buda, que eu nunca tinha ouvido falar, e escutei uma música indiana, uma cítara, mais música de monges cantando, aquilo entrou no meu ouvido como um néctar espiritual. Eu absorvi aquilo e aquilo me deu paz espiritual, que não é realmente paz espiritual, é outra coisa, mas na época parecia que era isso.

R- No caso do Buda, você tem...

D- O Buda era um louco, medroso da vida, que resolveu acabar com o sofrimento acabando com o desejo, quer dizer, uma das piores resoluções que o ser humano já tomou. E é uma religião que tá aí. Que não é religião, é uma outra coisa, então hoje o budismo está entre a autoajuda e aquilo que o ser humano não pode acreditar em termos bestiais, que é um Deus, vida depois da morte, um eu. Então misturou tudo, é uma grande confusão. Então eu tenho fascínio por confusões teológicas mesmo.

(...)

D- A música me deu a sensação de que existia alguma coisa que não era do meu raciocínio, que era da minha alma. Eu já era ateu naquela época. Quando eu li Nietzsche, Schopenhauer, eu não acreditava em mais nada.

R- E esse encontro com o Oriente, aconteceu o que depois disso?

D- Então a Índia foi um grande prazer estético de perceber que esse Deus único que fala com Moisés, que conduz o povo judeu, nunca existiu, isso não é verdade, não tem como ser verdade, e se for verdade, o outro lado que prove isso para mim. Eu percebi que eu era mais forte do que o que tava instituído socialmente, politicamente e religiosamente. Aí comecei a criar um poder muito grande, em mim mesmo, que não me levou para lugar nenhum, mas me afastou...

Eu acredito que o mundo foi criado. Que o mundo veio de alguma coisa espiritual mesmo. Eu vejo um mundo espiritual como uma máfia lo-

calizada. As pessoas transam, engravidam, e eu escrevo no meu livro, eu estou escrevendo hoje um livro de filosofia que se para procriar você tivesse que ir num banco, pagar trinta reais, pegar uma fila, num dia de chuva, com seis pessoas no caixa, quatro dessas de empresa, e você tivesse que esperar uma hora, ninguém teria filhos. Alguma coisa, alguém, isso não é nem misticismo, é filosofia, programou o sexo pra procriação; é muito inteligente, só pode ser um Deus para fazer isso, essa manipulação é espetacular. As pessoas nascem de um sentimento intenso, verdadeiro biologicamente e sentimentalmente, que é o sexo, mas é ele que gera toda a confusão da existência, ele procria aquilo que não se sabe porque tem que ser procriado. E as pessoas nascem, e vivem até o fim da vida delas, exceções à parte, como marionetes dessa sociedade que tem interesses escusos de manter esse prazer que não é sexual, é um prazer, numa oitava já diferenciada do sexo, que é uma anomalia sentimental sem precedentes, que é o consumo. Eu sou consumista? Sou! Consumo música indiana, consumo isso, consumo aquilo, não sou um consumista real. Como o meu casamento não foi real, meu consumo também não é real. Eu gosto de ter as coisas que eu acho importante para mim e para a vida das pessoas. Eu abomino carro, eu abomino casa própria, apesar de ser bom não pagar aluguel, mas eu não quero essas coisas para mim. Eu quero ser lançado naquilo que eu já fui lançado quando eu nasci, que é a minha morte, e saber se tem alguma coisa depois da morte. Se esse ser que está se recriando o tempo inteiro vai ter oportunidade de se recriar de novo, é o que eu mais quero. Uma das frases do meu livro é que a única ambição que eu tenho é a vida após da morte. É um desejo de ver as pessoas que eu amo, de continuar fazendo sexo, de continuar dando entrevistas, eu quero continuar falando, sentindo, tocando, fazendo as coisas vibrarem, mas isso não sou eu, isso é a vida, a vida é assim.

ALGUMAS REFLEXÕES

Daniel nos diz que já morreu muitas vezes, e que esta é a beleza da espiritualidade: *Já me matei várias vezes. É isso que é legal, isso é psicologia. Eu já me matei várias vezes. Isso é ma-*

ravilhoso, poder se matar e continuar vivo, esse é um dom espiritual. Quando algo não agrada ao olhar é preciso cortar aquilo, transformar-se, reinventar-se. Ele não sabe o nome dos avós ou dos tios paternos, que morreram em campos de extermínio nazistas na Segunda Guerra Mundial. Fugindo dos horrores do nazismo, tanto o seu pai, quanto a sua mãe e respectivas famílias deixaram a Europa, e lá ficaram todos os seus bens, e foram para a Argentina.

Na Argentina, seus pais se conheceram e se casaram. Nessa ocasião, seu pai já havia reconstruído seu patrimônio, mas o governo peronista, por simpatia ao nazismo, representava um perigo muito concreto. Três bombas foram colocadas na tecelagem dele, e, temendo viver as mesmas perseguições que vivera na Polônia, decidiu ir para Israel.

Em Israel, Daniel viveu a sua infância, dos três aos dez anos, desenhando aviões e soldados, sonhando com o exército e com as histórias bíblicas que seu avô contava, mas crescendo também para o entendimento de um conflito que dura até hoje entre judeus e árabes, entre judeus e palestinos.

Uma sociedade fundada em ideais socialistas demonstrou ser um lugar difícil para enriquecer. Seu pai decidiu enfrentar o Brasil em busca de melhores oportunidades, e a mudança da família para a América do Sul representou para Daniel uma nova quebra, que ele definiu como o fim de sua vida. O choque de uma cidade de concreto, sem o mar de Natânia e sua natureza exuberante, sem a tensão de um país em formação, sem o peso da história religiosa e política de uma sociedade milenar, foi vivido como uma morte.

A relação com seu pai era fria e atormentada por inúmeras lembranças dolorosas, as que não eram mencionadas, e as que não eram esquecidas, como o meio irmão Manoel, primogênito de seu pai e fruto do primeiro casamento que ele lamentava ter acabado. O refúgio era encontrado na figura de seu avô, que representava o seu modelo masculino e que o inspirava a exercer um papel religioso. Daniel foi pressionado a realizar esse papel por preocupações financeiras, mas o que o movia ainda era um sonho. Ao chegar no seminário para rabinos, outra morte, agora para o judaísmo. Decidiu que não ia mais atender a esse papel esperado por sua família e por sua comunidade, o de ser um líder religioso,

um rabino. Logo em seguida morreu o seu pai.

Decidido a quebrar com o judaísmo, casou-se com uma jovem não judia e, frente ao medo de ter um filho que não desejava, realizou outro corte, fez uma vasectomia. Não quis dar continuidade a um processo que não entendia. Negando o modelo imposto pela monogamia, abriu seu casamento para relacionamentos paralelos, realizando mais um corte.

Voltou para Israel durante a Guerra do Golfo e decepcionou-se com o *kibutz* e suas expectativas socialistas perante Israel. Sendo pró Palestina, o conflito vivido por Daniel em Israel pareceu acirrar de tal forma a questão entre judeus e palestinos que decidiu voltar para o Brasil. Todas essas decepções consolidaram outra morte. Dessa vez, como disse, para o social. Toda essa sequência de cortes e mortes, e sua constante reinvenção, com decisões extremamente dramáticas, como a vasectomia sem ter tido filhos e sua ida para Israel durante a Guerra do Golfo, revelam o profundo desenraizamento enfrentado por Daniel e que começou muito antes dele nascer.

Daniel parece ter sido colocado em um barco que desliza, até hoje, sem ter nenhuma terra firme para atracar. Daí talvez o fascínio pelo mar. E quando a terra está à vista ele faz questão de mudar o curso e lançar-se em alto mar novamente. O desenraizamento possibilitou que ele habitasse em si mesmo. Senhor de suas ideias, ele diz que entra em situações levado por outras pessoas, mas que sempre as abandona por esforço próprio.

Ecléa Bosi¹ fala do desenraizamento vivido pelo homem que é obrigado a deixar a sua terra de origem em busca de condições de sobrevivência. Largando suas referências culturais, “o migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas (...) a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus (...) Suas múltiplas raízes se partem” (p. 176)¹. Fala, também, que “o desenraizamento por excelência é a ignorância do trabalhador em relação ao destino das coisas que fabrica. Qual seu valor e utilidade social? A que necessidades humanas ele atende? O que outros homens devem agradecer-lhe?” (p. 182)¹.

Ecléa Bosi alerta para “não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas pro-

curar o que pode renascer nessa terra de erosão” (p. 177)¹, e mais: “A crise avançando demonstra para o indivíduo que o seu destino é um destino político” (p. 179)¹.

Daniel viveu a perda de suas referências inúmeras vezes, percebeu a necessidade de recriar-se, e percebeu o seu destino político, mas, acima de tudo, vivenciou o seu desenraizamento sensível, questionou e indagou o processo existencial, o porquê primeiro da indagação filosófica.

Se a indagação marxista nos coloca frente à alienação do trabalhador em relação aos meios de produção, a indagação existencial colocou Daniel frente à alienação do homem em relação aos meios de reprodução da espécie, e sua consequente construção de uma sociedade baseada no prazer do consumo. Enquanto o prazer do sexo leva à irrefletida reprodução de seres condenados à alienação e à perpetuação desse círculo vicioso, o prazer do consumo nos leva à perpetuação da sociedade capitalista de consumo e à alienação dos homens dos meios de produção.

Leandro Konder² diz:

As condições criadas pela divisão do trabalho e pela propriedade privada introduziram um “estranhamento” entre o trabalhador e o trabalho, na medida em que o produto do trabalho, antes mesmo de o trabalho se realizar, pertence à outra pessoa que não o trabalhador. Por isso, em lugar de realizar-se no seu trabalho, o ser humano se aliena nele; em lugar de reconhecer-se em suas próprias criações, o ser humano se sente ameaçado por elas; em lugar de libertar-se, acaba enrolado em novas opressões (p. 30)².

Transportando a ideia de alienação do trabalhador em relação ao seu trabalho para a ideia do homem alienado do processo de reprodução da espécie, Daniel nos diz em sua entrevista: *Esse meu passado, é difícil falar sobre ele, porque não é um passado meu. Eu era um fantoche de uma existência que meus pais me obrigavam a viver...*

O que são a sociedade, os vínculos de tradição, a família com suas imposições de regras de conduta, expectativas profissionais e pressões de desempenho? Como pode alguém lamentar desenraizar-se disso, uma vez que somos desenraizados do sentido primeiro de nossas existências?

O sentido de nossa existência é certamente político, cabe a cada um de nós libertar-se desse manto de ignorância e sono que insistimos em vestir, para enxergarmos mais concretamente onde as mudanças têm que acontecer, se quisermos realmente dar conta dos problemas que avassalam este século, tais como hiperpopulação, violência, fome, destruição do meio ambiente, crise econômica mundial, poluição, pandemias, etc.

Enquanto o homem agir como se soubesse as razões pelas quais existe aqui neste planeta, e não medir cada decisão frente a essa indagação, e não enfrentar o medo que a falta de respostas provoca, o profundo desenraizamento que esse medo provoca, enquanto o homem não parar de se esconder na sombra dessa profunda ignorância primeira, não haverá técnica de inclusão, terapia, religião, ciência capaz de o ajudar a solucionar ou de pelo menos reduzir o número de problemas que estamos desenvolvendo galopantemente.

Você sabe por que está aqui? Não? E ainda assim quer manter as coisas em ordem? E ainda assim vai reproduzir? O que você espera que pode acontecer?

Silvia Lan³ diz que

Somos, antes de mais nada, fazedores de coisas (...), o objeto pensado, idealizado, ainda não existe, é preciso que se desenvolva uma série de ações físicas sobre as coisas que nos cercam para concretizar o objeto pensado; a sua existência é produto da nossa atividade e, ao fazê-lo, nossa atividade se objetiva no produto final, enquanto nós nos transformamos neste processo de fazer (p. 28)³.

Na entrevista, Daniel diz: *O que me afetou era o que eu sempre fui. Um ser que queria encontrar qualquer tipo de verdade. Eu tive que abdicar da minha religião, com isso abdiquei de tudo, da minha profissão, minha sanidade mental.*

E continua:

Eu não sabia que o mundo era uma questão social de emprego, de trabalho, de sobrevivência. O que eu estava fazendo era muito pouco importante para a maioria das pesso-

as. Isso eu sinto até hoje. Só que hoje eu to protegido no que eu fiz com a minha vida. Eu não preciso convencer mais ninguém, as pessoas têm que me convencer a ter filhos, a acreditar em Deus, a trabalhar, a não me suicidar, as pessoas têm que fazer esse trabalho comigo, não eu. Eu não faço mais isso, eu não procuro mais, eu já achei.

E segue dizendo:

(...) eu tive uma experiência em Israel que foi uma experiência mística... determinou a minha vinda para o universo. Eu não vim para cá. Eu não moro mais no Brasil. O Brasil para mim não existe, eu não acredito nisso, eu não vivo isso, eu vivo no universo. Eu tô localizado, tá localizado é ser uma pessoa sã, eu vou para a minha casa, eu pego ônibus que vai para lá, eu sei a chave que é da minha casa, mas eu vivo no universo.

Silvia Lane diz também:

A contra-arma do poder da palavra se encontra na própria natureza do significado: é ampliá-lo, é questioná-lo, é pensar sobre ele e não, simplesmente, agir em resposta a uma palavra. Entre a palavra e a ação deverá sempre existir o pensamento para não sermos dominados por aqueles que detêm o poder da palavra (p. 32)³.

Daniel ilustra isto com o seguinte dizer:

Não tenho outro jeito de falar. Todo trabalho de escola é pra escola. Eu não falo pra escola, eu não falo para um grupo de psicologia, eu falo para o mundo. Eu não falo pra rabinos, eu não falo pra padres, eu, sendo filósofo, eu não falo pra filósofos. O que eu tinha pra falar era uma outra coisa. Na realidade eu nunca nasci, eu fui sacaneado pelos meus pais. Essa é a compreensão que eu tenho hoje.

Solomon E. Asch⁴ diz: “Quando o consenso aparece sob o domínio do conformismo, o processo social está poluído e, ao mesmo tempo, o indivíduo renuncia a capacidades de que depende sua atuação como um ser que pensa e sente” (p. 8)⁴.

O desenraizamento quebra a relação do homem com esse condicionamento. Ainda bem!

Algo tem que acontecer para que o problema seja percebido. Talvez, então, o sofrimento tenha apenas e tão somente essa função; antes de dar o último suspiro, frente à morte, o ser diz “Ah! Entendi, então é isso?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aquilo que dá ao homem sua estrutura, suas raízes, seu senso de pertencimento a uma comunidade, sua identidade, são também os elementos de conforto que possibilitam um profundo sono inconsciente. A naturalização do constructo coletivo acontece pela acomodação ao processo de criação histórico-cultural. Distanciar-se dessa zona de conforto e de si mesmo indagando as escolhas que fazemos, e o significado da cena em que existimos, é permitir o questionamento filosófico. A recusa em aceitar como naturais a realidade que se nos apresenta com seus valores sociais e culturais, colocando-nos a responsabilidade de investigá-los e compreendê-los, esse foi o caminho que escolheu Daniel frente ao inesperado e ao inusitado.

Não podendo transformar o momento histórico que vivia e a realidade que se impunha, ao invés de aceitá-los, resignando-se às saídas fáceis apresentadas, preferiu erguer-se e questionar, não adotando a partir daí nenhuma outra atitude que não corroborasse essa decisão primeira, a de questionar. Para Daniel, a quebra com qualquer padrão preestabelecido era o que importava, independentemente da dor que provocasse. Uma

vez compreendido o processo de acomodação à zona de conforto, permanecer nessa área passou a significar uma prisão da qual desejava afastar-se a qualquer preço. Como alguém que só percebe sua liberdade ao ser aprisionado, assim Daniel percebeu o poder e a liberdade que o questionamento e a consciência permitem, e sobre esses dois alicerces construiu sua ação, sua criação, sua possibilidade de transformação do inevitável.

Estarmos protegidos das vicissitudes pode ser, pelo menos sob um aspecto, uma grande vantagem. Se não somos chamados a perceber a nossa acomodação natural, talvez tenhamos que fazer o esforço de enfrentar o inevitável para podermos adquirir o poder liberador do questionamento, que nem todos estão aptos a realizar. A fala de Daniel coloca-se, assim, como um importante ponto de reflexão para todos os que não foram obrigados a abandonar suas áreas de estabilidade. A segurança, apesar de atraente, parece nos privar de uma série de possibilidades de reflexão. Por outro lado, também não queremos ser arrebatados por nenhuma força descomunal que nos obrigue a enxergar o padrão sob o qual a trama das nossas existências é tecida.

Talvez nos bastasse dar ouvidos àqueles que foram obrigados a fazê-lo, mas não apenas na superfície de quem permite um relato, e sim em nossa mais profunda possibilidade de reflexão, como uma meditação, como uma prece, quase como um agradecimento, de podermos compreender sem precisar passar pelo mesmo destino.

REFERÊNCIAS

1. Bosi E. O tempo vivo da memória. 2a ed. São Paulo: Ateliê Editorial; 2004.
2. Konder L. O que é Dialética. 25a ed. São Paulo: Brasiliense [acesso 08 Jan 2012]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/6985884/Leandro-Konder-o-Que-E-DialEtica>
3. Lane STM. O que é psicologia social. São Paulo: Brasiliense; 1981.
4. Asch SE. Opiniões e pressão social. Nov/1955 [acesso 08 Jan 2012]. Disponível em: www.bernardojablonski.com/pdfs/graduacao/opinioes.pdf